

COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS PARA O LEITOR: DOMÍNIO DOS CÓDIGOS LINGÜÍSTICOS DA INTERNET

Marcos Pastana Santos (UNIGRANRIO)

marcos.pastana@ifrj.edu.br

Jurema Rosa Lopes (UNIGRANRIO)

juremarosa@ig.com.br

RESUMO

Neste trabalho procuramos refletir sobre a aquisição das competências informacionais pelo usuário na assimilação da informação utilitária. Partimos do pressuposto que no mundo virtual, desenvolver competências para lidar com as tecnologias da informação e comunicação podem possibilitar o aprendizado do leitor. Dominar os códigos linguísticos da internet auxilia o usuário na recuperação da informação. No compreender de Bernadete Santos Campello (2009) e Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque (2012) essas competências desenvolvem no leitor, autonomia no gerenciamento de informação. O excesso de informação disponível na Internet irá exigir do leitor a escolha de sites confiáveis para sua pesquisa. Para isso, há necessidade de orientar ao usuário, as ferramentas necessárias para a busca da informação precisa e que atenda sua demanda por conhecimento. A criticidade e refinamento da escolha de material bibliográfico impresso ou eletrônico poderá criar um cidadão mais crítico e bem informado.

Palavras-chave: Competência informacional. Recuperação da informação. Internet.

1. Introdução

Neste trabalho procuramos refletir sobre a aquisição das competências informacionais pelo usuário na assimilação da informação utilitária. O usuário²⁵⁸ que utiliza aparelhos eletrônicos para ter acesso à informação, como o computador de mesa de trabalho, *smartphones*, *tablets*, ou outro objeto tecnológico que tenha conectividade, permite-se a busca e recuperação da informação²⁵⁹ desejada. A recuperação da informação

²⁵⁸ Em arquivologia, é a pessoa que consulta os documentos de um arquivo. Erroreamente denominado leitor. Em biblioteconomia é a pessoa que utiliza os serviços da biblioteca no próprio local ou por meio da retirada de documentos por empréstimo, ou pela solicitação, entre outros serviços, de buscas bibliográficas e pesquisas sobre temas especializados. (CUNHA & CAVALCANTI, 2008, p. 373)

²⁵⁹ Calvin Mooers (1951) cunhou o termo *recuperação da informação*, destacando que ele "engloba os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação". (SARA-CEVIC, 1996, p. 44)

torna-se relevante mediante a explosão informacional no período de pós-segunda guerra mundial. Há um número crescente de publicações e surge a necessidade de se criar tecnologias de informação para acompanhar essa produção informacional. No compreender de Vannevar Bush (1945 *apud* SARACEVIC, 1996, p. 42) era necessário um ajuste tecnológico para tornar acessível um material informacional massivo diante da explosão informacional²⁶⁰.

Se já existia a preocupação no gerenciamento informacional no período pós-segunda guerra mundial, com a popularização da internet no final da década de 90, o fluxo informacional aumentou consideravelmente. Não basta apenas ter acesso à informação, é necessário selecionar a informação desejada em meio ao caos informacional.

A presente investigação é de cunho bibliográfico, e procurou analisar as contribuições teóricas de Bernadete Santos Campello (2009) e Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque (2012, 2013) que discutem letramento informacional e competência informacional. O segundo autor sinaliza algumas diferenças entre os respectivos conceitos. O processo de desenvolvimento das competências informacionais possibilita ao usuário buscar, avaliar, e saber usar informação necessária para sua pesquisa.

Dada a cobertura e profundidade das comunicações midiáticas, em particular dos veículos que possibilitam a interação com as pessoas, seja através de *chat*, redes sociais, comentários em sites e *blogs*, compartilhamento de textos e vídeos, troca de informações em tempo real em aplicativos, como o *WhatsApp*. O compreender desses códigos linguísticos na internet, como tipos de adereços a conversa virtual como os *emojicons* e as palavras abreviadas, como por exemplo, *vc*, *blz*, *tmj*) passa um caráter simbólico e de um novo signo a conversa. Esse meio de comunicação permite maior interação e rapidez de troca de informações com o receptor, mas encontraria problemas na busca e análise informacional do conhecimento sistematizado. O processo de recuperação da informação requer o domínio do código linguístico, pois o saber requer habilidades cognitivas.

²⁶⁰ Vannevar Bush identificou o problema da *explosão informacional* – o irremediável crescimento exponencial da informação e de seus registros, particularmente em ciência e tecnologia. A solução por ele proposta era a de usar as tecnologias de informação para combater o problema. E foi mais longe, propôs uma máquina chamada MEMEX, incorporando (em suas palavras) a capacidade de *associar ideias*, que duplicaria "os processos mentais artificialmente". É bastante evidente a antecipação do nascimento da Ciência da Informação - CI e da inteligência artificial. (SARACEVIC, 1996, p. 42)

2. *Competência informacional*

O conceito de competência aparece na literatura pela primeira vez com Noam Chomsky nos anos 50, no contexto da linguística. Este conceito ganha novos signos a partir dos anos 70, no campo da administração, associada à qualificação profissional do indivíduo.

No campo educacional, a competência surge como sinônimo de habilidade, aptidão, aquisição de conhecimento e saberes. Para Phillippe Perrenoud (2000, p. 15) a noção de competência designará uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações.

Compreendemos por competência, o conjunto de habilidades que o indivíduo adquire através do conhecimento para por em prática teorias e conceitos mentais adquiridos ao longo da vida.

Guy Le Boterf (2006, p. 61) com olhar sobre o campo da gestão de recursos humanos, identifica as três dimensões da competência, a saber:

Considero que a dinâmica posta em prática por um profissional que age com competência, e que é reconhecido como tal, ativa três dimensões da competência, que são as seguintes: primeiro, a dimensão dos recursos disponíveis (conhecimentos, saber-fazer, capacidades cognitivas, competências comportamentais...) que ele pode mobilizar para agir; depois, surge a dimensão da ação e dos resultados que ela produz, isto é, a das práticas profissionais e do desempenho. Finalmente, há a dimensão da reflexividade, que é a do distanciamento em relação às duas dimensões anteriores.

Para o autor, essa competência desenvolvida pela pessoa deve combinar os recursos individuais, que inclui o equilíbrio emocional, a auto estima, ser proativo, para também ser competente com os recursos profissionais, através da rede colaborativa de colegas de trabalho. Guy Le Boterf (2006, p. 61) alerta que para agir com competência, um profissional deve combinar e mobilizar tanto os recursos pessoais como os recursos do seu meio envolvente: torna-se difícil, mesmo impossível, ser competente sozinho e de forma isolada.

Entendemos que o desenvolvimento de competência, não há como ser adquirido isoladamente pelo indivíduo, a interação com outras pessoas possibilita a troca de informações, a conexão com outros saberes. Essa fluidez informacional permite ao indivíduo maior capacidade de desenvolvimento intelectual e cultural. No campo da biblioteconomia, a competência vai assumir um caráter informacional, no qual o indivíduo deve-

rá possuir habilidades de analisar, comparar e selecionar a informação desejada. A competência informacional surge nas discussões entre os estudiosos como a mobilidade do indivíduo assimilar um conhecimento para determinada situação.

Competência informacional, surge em meados dos anos 70, para alguns estudiosos utilizar a expressão competência informacional possibilita uma melhor análise do usuário como consumidor da informação. Para Elisabeth Adriana Dudziak (2010) a competência informacional define o usuário que conhece as estruturas de comunicação, através das mídias de informação.

Enquanto nos Estados Unidos e outros países de língua inglesa o uso da expressão *literacy* (alfabetização) associada ao termo informação foi largamente aceito, em outros países sua utilização ainda varia. Em Portugal, por exemplo, a expressão foi traduzida como *literacia* informacional ou literacia da informação. Em países onde se fala o espanhol, adota-se preferencialmente a expressão *alfabetización* informacional, mas a expressão competência informacional também é utilizada. No Brasil, a questão da tradução da expressão *information literacy* ainda suscita discussão e não há consenso. Alguns bibliotecários e pesquisadores da área utilizam a expressão alfabetização informacional, outros adotam letramento informacional, enquanto muitos utilizam competência informacional. Dado que, no país, a alfabetização tem seu significado fortemente associado às fases iniciais da educação, ao passo que a literacia e o letramento ligam-se predominantemente ao universo das palavras, é preciso refletir sobre a terminologia mais adequada e representativa. A adoção da tradução do conceito como competência informacional ou competência em informação parece ser a melhor escolha, por ter significado mais abrangente, além de ser aceita e valorizada tanto na área educacional quanto nos círculos profissionais. (DUDZIAK, 2010, p. 8)

Como não há para o autor uma concordância na terminologia “*information literacy*” para definição do usuário autônomo e crítico. De acordo com Bernadete Santos Campello (2009, p. 68) o termo “*letramento informacional*” (*information literacy*) foi usado pela primeira vez na década de 1970, para caracterizar competências necessárias ao uso de fontes eletrônicas de informação que estavam sendo produzidas nos Estados Unidos na época. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque (2013) em seu estudo destaca que existem diferenças entre os conceitos de letramento informacional e competência informacional, porém estes conceitos estão inter-relacionados. O referido autor destaca que:

Letramento informacional: processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar a informação na resolução de problemas ou tomada de decisões. O letramento informacional é um processo investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida.

Pessoas letradas têm capacidade de tomar melhores decisões por saberem selecionar e avaliar as informações e transformá-las em conhecimento aplicável. *Competência informacional*: refere-se à capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação. Ao longo do processo de letramento informacional, os aprendizes desenvolvem competências para identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos. (GASQUE, 2013, p.5)

O pensamento de Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque é claro no sentido de mostrar não só as diferenças, mas também as inter-relações entre os dois conceitos. O letramento informacional como processo voltado para o desenvolvimento de competências e como processo investigativo. A competência informacional, como resultado do processo de letramento, quando o aprendiz, considerando os aspectos éticos e legais, é capaz de identificar a necessidade de informação e avaliá-la.

Analisar a importância da competência informacional para autonomia da manipulação da informação em diversos tipos de tecnologias móveis e impressas, é ressaltar que diante da liquidez da sociedade, a educação passa por profundas transformações, no compreender de Zygmunt Bauman.

Tudo isso vai de encontro ao que a educação e a pedagogia defenderam na maior parte de sua história. Afinal, essas premissas foram criadas para responder a um mundo no qual as coisas eram duráveis, na esperança de que perdurassem e na intenção de que durassem ainda mais do que até então. Num mundo desse tipo, a memória era um patrimônio. Quanto mais longe alcançasse e mais tempo permanecesse, mais valiosa se tornava. Hoje esse tipo de memória firmemente entrincheirada parece ter um potencial incapacitante, em muitos casos; em outros, parece induzir a erros; na maioria das vezes inútil. Não sabemos em que extensão a rápida e espetacular carreira dos servidores e redes eletrônicos pode ser atribuída a problemas de armazenamento, eliminação e reciclagem que os servidores prometiam resolver. O trabalho de memorização resultou mais em lixo que em produtos usáveis; não há um processo confiável para determinar de antemão quais produtos aparentemente úteis sairão de moda e quais os aparentemente inúteis podem ter um súbito aumento de demanda; assim, a possibilidade de armazenar todas as informações dentro de contêineres à devida distância dos cérebros (onde as informações armazenadas assumiriam o controle do comportamento) parece uma proposta providencial e tentadora. (BAUMAN, 2010, p. 74)

Para Zygmunt Bauman, o usuário deverá selecionar as informações necessárias para sua aprendizagem. Neste meio caótico do processo de produção informacional, no qual o mundo virtual não consegue organizar o conhecimento sistematizado. É relevante a seleção de informações que promovam oportunidades de aprendizagem para o leitor.

Em nossa prática como bibliotecários observamos que os usuários letrados dominam o código linguístico, mas não necessariamente conseguem localizar as informações necessárias em sites confiáveis. Acreditamos que a competência informacional seja necessária para a autonomia do usuário no uso da informação. Nesse sentido os bibliotecários e os cientistas da informação, surgem como atores chaves no gerenciamento desses fluxos informacionais. Esses atores possuem habilidades na recuperação da informação em sites confiáveis e auxiliam na busca de informações necessária e confiáveis para o usuário.

Lucia Santaella e Renata Lemos (2010) destacam a necessidade de atenção no gerenciamento do processo de pesquisa:

O tipo de atenção necessário para o gerenciamento bem-sucedido dos fluxos informacionais no período atual de evolução da internet requer habilidades cognitivas híbridas, que conectam inteligências humanas a artificiais. É preciso saber encontrar o equilíbrio entre as demandas que competem pela nossa atenção. O aumento do volume de informação disponível, que pode trazer a clássica sensação de *information overload* (sobrecarga de informação), não apenas gera redundâncias como também um aumento no número de informações erradas ou falsas. Fica cada vez mais complexo encontrar e estabelecer critérios apropriados de verificação da correção de uma fonte de informação digital. O primeiro passo é selecionar fontes confiáveis, que desfrutem de boa reputação e possuam alto nível de credibilidade no ciberespaço. Os sistemas de busca ajudam pouco nesse momento, porque as buscas disponibilizam todo e qualquer tipo de informação relacionadas em um mesmo conjunto de *links*. Verificar a credibilidade de uma fonte específica pode levar tempo. (SANTAELLA & LEMOS, 2010, p. 84)

As habilidades cognitivas de atenção destacadas por Lucia Santaella e Renata Lemos são relevantes no gerenciamento das informações, uma vez que, o aumento do volume de informações pode levar o usuário a incorporar falsos conhecimentos. A competência informacional desenvolvida ao longo do processo de letramento possibilita uma melhor avaliação e uso das informações.

Howard Rheingold (2010) é outro estudioso que destaca o desenvolvimento da disciplina mental como essencial para o usuário não cair em armadilhas.

As mídias e redes digitais só podem capacitar às pessoas que aprendem a usá-las e representam perigos para aqueles que não sabem o que estão fazendo. Sim, é fácil divertir-se, cair em informações erradas, permitir a atenção para fragmentar, em vez de se concentrar, mas essas tentações mentais representam perigos apenas para a mente desinteressada. Aprender a disciplina mental para usar ferramentas de pensamento sem perder o foco é um dos preços que eu estou feliz em pagar para ganhar o que a Web tem para oferecer. As pesso-

as que não ganham essencial alfabetização, participação, colaboração e conscientização da rede estão em perigo de todas as armadilhas que os críticos apontam para “superficialidade, credulidade, distração, alienação, dependência”. Eu me preocupo com os bilhões de pessoas que estão ganhando acesso à Net sem a menor pista sobre como encontrar conhecimento e verificá-lo para a precisão, como defender e participar, em vez de consumir passivamente, como disciplinar e implantar a atenção em um sempre meio, como e por que usar essas proteções de privacidade que permanecem disponíveis em um ambiente cada vez mais intrusivo. (RHEINGOLD, 2010)

Howard Rheingold (2010) nos permite refletir sobre a importância da criticidade na análise da informação pesquisada. Assinala a participação, colaboração, filtragem e presença consciente na rede como aspectos a serem considerados para gerenciar a complexidade dos fluxos informacionais. Entendemos que, muitas vezes o usuário, na relação precoce com as mídias digitais e, o contato reduzido com outras fontes de pesquisa (material impresso como revistas, livros e jornais), parece sanar as dúvidas em sites de busca; variavelmente, é nos primeiros sites de busca que encontram as informações que procuram. A falta de refinamento na busca da informação pode levar, por exemplo, o buscador a divulgar ao usuário que a informação sobre “alimentação saudável” tem 452.000 mil documentos disponíveis sobre o assunto. Como selecionar os sites confiáveis? O usuário tem algum parâmetro de seleção de conteúdo?

3. Competência informacional na educação básica

No século XXI, vivemos na sociedade do conhecimento, no qual todos os indivíduos deveriam ter acesso às tecnologias de informação e conhecimento. Infelizmente a maioria das escolas públicas brasileiras carece de recursos de infraestrutura tecnológica que são oriundos da escassez de sala de informática equipada com computadores e conexão de internet²⁶¹. Para Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque (2012) os objetivos da competência informacional para a educação básica são:

Propiciar iniciação básica à filosofia da ciência – o que é e como se faz ciência, as limitações e aspectos éticos. Introduzir o conceito de pesquisa e a importância do planejamento e método para resolução dos problemas. Conhecer a organização/arranjo das várias fontes de informação impressas e online. Por exemplo: material de referência (atlas, dicionários, enciclopédias), livros

²⁶¹ Apenas 0,6% das escolas brasileiras têm infraestrutura próxima da ideal para o ensino, isto é, tem biblioteca, laboratório de informática, quadra esportiva, laboratório de ciências e dependências adequadas para atender a estudantes com necessidades básicas. (Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2013)

de leitura, de ficção, didáticos e paradidáticos, artigos de jornais e revistas. Utilizar as novas tecnologias como recursos de busca e disseminação do conhecimento. Buscar informações na internet de maneira eficaz e eficiente. Utilizar critérios adequados para avaliar os canais e fontes de informação. Selecionar, organizar, relacionar dados e informações de vários autores com diferentes pontos de vista e sintetizá-los em um documento (resumo). Ler, compreender e retirar informações de diversos tipos de textos. Produzir textos científicos, resumos, esquemas e sínteses. Conhecer as principais normas da ABNT de apresentação de trabalhos (referência bibliográfica, citação, sumário, resumos etc.). Compreender o conceito de autoria e plágio. Compreender a organização das bibliotecas e usar os recursos e produtos disponíveis. Conhecer como ocorre a produção das obras – do planejamento à distribuição no mercado. (GASQUE, 2012, p. 91)

Neste sentido, a competência informacional é fundamental na construção de capacidades para a formação do leitor crítico. O desenvolvimento de uso e busca da informação de forma crítica melhora as técnicas de leitura para aprendizagem do usuário.

Neste entendimento de formação de leitor crítico e autônomo, foram desenvolvidos os sete pilares de competência informacional pela SCONUL – Sociedade de Colégios, e Bibliotecas Universitárias e Nacionais, tendo sua sede localizada em Londres (2011).

No quadro abaixo, é possível identificar os sete pilares de competência informacional.

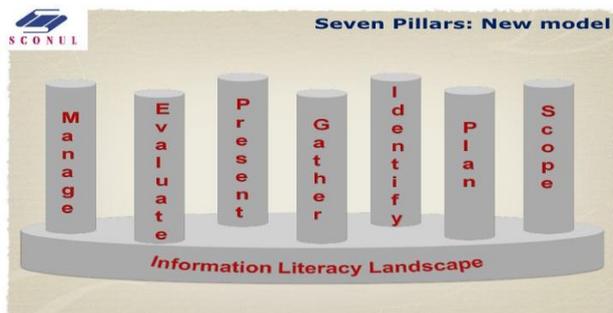


Gráfico 1 – Sete Pilares: novo modelo. Fonte: SCONUL (2011)

Da esquerda para a direita os sete pilares são: gerenciar, avaliar, apresentar, reunir, reconhecer, planejar e localizar. Estes sete pilares para João de Pontes Júnior e Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo (2009, p. 83) representam os seguintes aspectos respectivamente: 1. Reconhecer a necessidade de informação. 2. Distinguir maneiras de eliminar os "gaps". 3. Construir estratégias de busca. 4. Localizar e acessar. 5.

Comparar e analisar. 6. Organizar, comunicar e aplicar. 7. Sintetizar e criar.

O letramento informacional apresenta diretrizes em relação às competências necessárias para o uso da informação para os alunos letrados tomarem as melhores decisões de busca da informação. Já os bibliotecários das bibliotecas escolares americanas são orientados a desenvolverem uma série de competências informacionais para seus usuários no documento *Information Power*.

O aluno que aprende com independência aplica os princípios da competência informacional para acessar, avaliar e usar informação sobre assuntos e situações de interesse pessoal [...] O estudante constrói conhecimento de forma significativa e pessoal, com base na informação e comunica esse conhecimento de maneira acurada e criativa, através de uma variedade de formatos de informação. (AASL/AECT, 1998, p. 3, tradução nossa)

Esta aprendizagem possibilita ao usuário sua independência na busca da informação. O uso da ferramenta tecnológica em busca de uma informação requer análise das fontes de pesquisa. A competência informacional contribui para o aluno confrontar as fontes de informação de um assunto, ler sobre dois, três ou quatro fontes de pesquisa e analisar se a informação é coerente, se um ou outro site dá um título sensacionalista, com imagens que não correspondem aos fatos. Um olhar atento, uma leitura aguçada, a curiosidade fará o aluno/usuário perceber nítidas diferenças entre um site e outro que destacam a mesma informação, porém podem apresentar conteúdos diferentes e/ou complementares ao assunto.

Para Bernadete Santos Campello (2009, p. 78) o *Information Power* é uma diretriz relevante a ser utilizada pelos bibliotecários brasileiros na biblioteca escolar com os alunos de acordo com a realidade social de cada unidade escolar.

O *Information Power* propõe que o bibliotecário exerça liderança mais visível na escola, no sentido de elucidar questões sobre a natureza da aprendizagem em ambiente caracterizado por abundância informacional e de atuar na integração, ao currículo, do conceito de letramento informacional, o que propiciaria ação didática articulada em torno da biblioteca. A liderança ocorreria de outras formas: o bibliotecário encorajaria as pessoas a aprender de forma independente e a desenvolver a capacidade de ter opiniões próprias, além de identificar oportunidades de formação continuada para os membros do corpo docente. Seria uma liderança formal e informal; nesse último caso, por exemplo, mostrando entusiasmo pela ideia de trabalho em equipe e apoiando os alunos para serem membros ativos da comunidade de aprendizagem. (CAMPOLLO, 2009, p. 78)

Compreendemos através desta citação de Bernadete Santos Campello (2009) a relevância do papel do bibliotecário escolar na formação humana do aluno. A autonomia do aluno ocorre quando o mesmo é considerado a parte mais importante do processo de ensino-aprendizagem.

4. Considerações finais

Neste estudo, as reflexões aqui apresentadas têm por intuito contribuir para a discussão entre os profissionais da informação sobre a formação de competências informacionais para os usuários. Essas potencialidades podem ser trabalhadas em centros de informação, bibliotecas, arquivos, museus. É relevante a construção de um aluno/usuário crítico social. Pois na internet há muita fragmentação da informação quando buscamos um assunto no buscador. Essa atomização do saber pode proporcionar uma capilarização do conhecimento para o aluno. Leituras fragmentadas, não possibilitam a formação de um leitor crítico, que tenha uma gama de conhecimento complexo sobre determinado assunto. Consequentemente, a internet, nos proporciona satisfações instantâneas de prazer, seja pelo consumo da informação, que é rapidamente descartável para ser substituída por outra informação. A desatenção ou a falta de referências de fonte de pesquisa confiáveis, não proporciona a construção de um cidadão consciente da sua realidade social. Os bibliotecários podem auxiliar nessa construção de competências informacionais para o aluno/usuário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN Association of School Librarians. Association for Educational Communications and Technology. *Information power: building partnerships for learning*. Chicago: ALA, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BUSH, Vannevar. As we may may think. *Atlantic Monthly*, vol. 176, n. 1, p. 101-108, 1945. Disponível em:

<<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881>>. Tradução livre disponível em:

<<http://www.uff.br/ppgci/editais/bushmaythink.pdf>>.

CAMPANHA Nacional pelo Direito a Educação. *Custo aluno qualidade inicial*. 2013. Disponível em: <<http://www.custoalunoqualidade.org.br>>. Acesso em: 14-08-2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico*. 2009. 207f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). – Escola de Ciência de Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. *Informação & Informação*, Londrina, vol. 15, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/7045/6994>>.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. [Entrevista]. *AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento*, Curitiba, vol. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315/25245>>. Acesso em: 16-08-2017.

_____. *Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem*. Brasília: UnB, 2012.

LE BOTERF, Guy. Avaliar a competência de um profissional: três dimensões a explorar. *Reflexão RH*, jun. p. 60-63, 2006. Disponível em: <<http://www.guyleboterf-con-seil.com/Article%20evaluation%20version%20directe%20Pessoal.pdf>>.

PERRENOUD, Phillipe. *Dez novas competências para ensinar: convite à viagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PONTES JÚNIOR, João de; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Alfabetização digital: proposição de parâmetros metodológicos em competência informacional. *Informação & Sociedade: Estudos*, vol. 19, n. 2, p. 81-98, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/2990/3037>>.

RHEINGOLD, Howard. *Attention is the fundamental literacy*. 2010. Disponível em: <<https://www.edge.org/response-detail/11370>>. Acesso em: 19-08-2017.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, vol. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>.

SCONUL Working Group on Information Literacy. *The SCONUL Seven Pillars of Information Literacy*. Abr. 2011. Disponível em: <<http://www.sconul.ac.uk/sites/default/files/documents/coremodel.pdf>>. Acesso em: 17-08-2017.